



Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

Projeto Nós Propomos!

Revitalização da Dinâmica Turística em Castelo Branco

Gonçalo Tavares da Silva Marques, nº 5 – 12º CSE

Miguel Filipe Oliveira Serra, nº 25 – 12º CSE

Miguel Filipe Ramalho, nº 26 – 12º CSE

Castelo Branco, fevereiro de 2015

Índice

Introdução	3
1. Localização e Enquadramento Turístico	3
1.1. Potencial turístico de Castelo Branco	3
1.2. Um Problema: a Oferta Hoteleira	5
2. Revitalização do Centro da Cidade	5
2.1. Requalificação da Antiga Esquadra e Governo Civil	5
2.2. Conceção de Hotel de Charme.....	7
2.3. Vantagens Inerentes	7
3. A Dinâmica Industrial no Século XX	8
3.1. Necessidade de Preservação da Identidade Local.....	8
3.2. Turismo Industrial.....	9
3.3. Requalificação da Antiga Metalúrgica.....	10
4. Turismo: porquê?.....	11
Bibliografia.....	11
Anexo Fotográfico.....	13

Introdução

O presente trabalho prende-se com a identificação de um problema da realidade da cidade de Castelo Branco e respetiva resolução.

Tendo em conta o panorama atual, verifica-se que a dinâmica turística albicastrense surge pouco desenvolvida e aprofundada. Além de se encontrar numa fase inicial da divulgação do património histórico, a cidade carece de infraestruturas hoteleiras de gama alta.

Foca-se, assim, uma proposta de requalificação urbana, que incide sobre um edifício histórico e que concorre para o decorrente processo de revitalização do centro urbano. Finalmente, abordar-se-á, igualmente, o passado industrial de Castelo Branco, que à semelhança de cidades como São João da Madeira, poderá ser aproveitado para gerar fluxo turístico – turismo industrial.

1. Localização e Enquadramento Turístico

Localizada a cerca de 70km do maior pico montanhoso em território continental, e beneficiando de uma grande acessibilidade em virtude da via rápida (A23), a cidade Castelo Branco localiza-se na região tendencialmente pouco desenvolvida do Interior, onde exerce o papel de polo dinamizador dos fluxos culturais, económicos e sociais da Beira Baixa.

1.1. Potencial turístico de Castelo Branco

Elevada à categoria de cidade em 1771 por D. José, Castelo Branco não se trata unicamente da capital de distrito. De facto, é uma cidade fortemente marcada pelo seu passado histórico, conservando não só vestígios datáveis da Pré e Proto-História, como também património edificado do século XII (Câmara Municipal de Castelo Branco).

O Castelo, erigido pela ordem dos Templários no século XIII, que corresponde a um dos mais emblemáticos monumentos da cidade, viu os seus limites serem alargados em 1343 por D. Afonso IV, sendo que, a partir desta data, o povoado se começou a desenvolver no interior das muralhas, dando origem a um aglomerado de habitações, solares e palácios, que atualmente constituem a zona histórica.

Pois bem, é nesta área que se encontra a maior carga histórica albicastrense, evidenciada pela presença quer de uma enorme variedade de portados manuelinos e de certos vestígios religiosos judaicos – embora escassos –, quer de notáveis solares, como o Solar dos Cunha ou Solar dos Mota e o Solar dos Cavaleiros, bem como de outros edifícios de relevo na vida quotidiana da respetiva época. É o caso do Celeiro da Ordem de Cristo, que tal como a Casa do Arco do Bispo, foi construído no século XIII, e ainda o *Dommus Municipalis* – obra do século XVI.

Além destes monumentos, a cidade apresenta também indícios patrimoniais da sua importância na Igreja Portuguesa. Entre 1596 e 1598, o bispo da Guarda mandou construir em Castelo Branco o Paço Episcopal, que, entre outras funções, servira de residência dos Bispos da diocese de Castelo Branco e de Liceu Central, já no século XX. Atualmente, alberga o Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o mais relevante museu da cidade. Ao seu lado, encontramos o Jardim do Paço, concluído no século XVIII, e composto por diversas escadarias, pequenos lagos, um tanque e ainda por 9 conjuntos temáticos de estátuas graníticas, outrora de bronze – antes das invasões francesas, aquando do seu saque.

Ainda no que concerne a templos de culto, destaca-se a Igreja de S. Miguel – Sé Catedral, desde 1956 – reedificada no século XVII em estilo renascentista, conservando elementos característicos das diferentes fases de construção –, e o Convento da Graça, do século XVI, cuja traça original, em estilo manuelino, está presente somente na porta de entrada. É de notar, por último, a Ermida da Nossa Sra. de Mércules, edificada no século XII pela Ordem do Templo, que constitui o epicentro da romaria anual municipal com o mesmo nome – Sra. de Mércules.

Por outro lado, Castelo Branco apresenta também uma componente cultural, para a qual concorrem, não só os museus Francisco Tavares Proença Júnior e do Cargaleiro, tanto com exposições de artefactos tradicionalmente beirões, como obras de arte com vários séculos até à atualidade, mas também o recente Centro de Cultura Contemporânea – um espaço privilegiado de exposição de coleções artisticamente relevantes.

1.2. Um Problema: a Oferta Hoteleira

Pode, assim, constatar-se a imensa riqueza patrimonial e cultural que o município apresenta, que se traduz num enorme potencial turístico – o qual ainda não se encontra adequadamente explorado e aproveitado.

Desta forma, da perspetiva do indivíduo turista, a questão “o que visitar?” fica efetivamente esclarecida. No entanto, surge uma outra óbvia questão – “onde ficar?”.

Olhando ao panorama atual da oferta hoteleira em Castelo Branco, deparamo-nos com uma grande variedade de estabelecimentos de gama baixa – residenciais, que não proporcionam quaisquer serviços privilegiados ou diferenciadores.

Com efeito, na cidade apenas encontramos dois hotéis, sendo eles de gama média – 3 e 4 estrelas. O Hotel Colina do Castelo, tal como o Rainha D. Amélia proporcionam um maior conforto que as residenciais. Porém, são hotéis pertencentes a cadeias internacionais, pelo que não conservam qualquer característica identificadora da História e realidade onde se inserem.

Conclui-se, assim, que Castelo Branco apresenta uma grave deficiência no setor hoteleiro: além de não haver um aproveitamento do património secular existente, a cidade não é dotada de um único estabelecimento de gama alta, de luxo, e que permita mergulhar na História local, assim como uma maior interiorização da cultura autóctone.

2. Revitalização do Centro da Cidade

Neste sentido, e de modo a dar continuidade ao decorrente processo de revitalização do tecido urbano, no âmbito do Programa Polis, propomos o reaproveitamento de dois edifícios emblemáticos da cidade: a ex-esquadra da Polícia e o Palácio dos Viscondes de Portalegre, onde, até 2011, funcionou o Governo Civil de Castelo Branco.

2.1. Requalificação da Antiga Esquadra e Governo Civil

Ao longo do período de receção e respetiva aplicação dos fundos comunitários relativos ao programa Pólís, significativas alterações se fizeram sentir em Castelo

Branco, especificamente, no Centro Cívico, que ganhou uma nova dinâmica socioeconómica – mais focada para a cultura e lazer.

Novas infraestruturas foram construídas, tais como o Centro de Cultura Contemporânea, um túnel e parque de estacionamento subterrâneos, entre outros, ampliando-se, assim, o espaço público – que passou a albergar um significativo número de eventos.

No entanto, apesar do desenvolvimento de certas atividades, em particular a restauração, a tendência de desenvolvimento não acompanhou todos os edifícios. De facto, não só a valência da PSP no centro da cidade foi extinta, relocando-se numa área mais periférica, mas também o Governo Civil, que em 2011 acompanhou o encerramento e extinção nacional destes órgãos.

Verificando-se tal situação, o grupo desenvolveu uma solução que poderá concorrer para a significativa melhoria do paradigma turístico albacastrense. Assumimos que a requalificação urbana destes dois edifícios desocupados num só hotel, mais propriamente, num estabelecimento de gama alta, é um dos caminhos a enveredar para incrementar a receita e fluxos turísticos.

Entendida como a alteração funcional de edifícios ou espaços devido à redistribuição da população e das atividades económicas (Rodrigues, Barata, & Moreira, 2008), a requalificação urbana passaria pela unificação dos edifícios contíguos, assim como pela remodelação funcional dos interiores, de modo a proporcionar os serviços necessários ao eficaz e eficiente funcionamento de um hotel.

Pretende-se, não uma descaraterização patrimonial, mas sim uma manutenção da traça original, bem como dos principais elementos arquitetónicos existentes. Deste modo, o objetivo da proposição é conciliar as marcas renascentistas do Solar dos Viscondes de Portalegre, construído em 1743 (Património Cultural - Direção-Geral do Património Cultural), e a fachada e aspeto exterior da antiga esquadra com o requinte e luxo, traduzindo-se num hotel de charme, situado na zona mais central e “viva” da cidade.

2.2. Conceção de Hotel de Charme

Atendendo ao conceito de hotel de charme, o nosso projeto passaria pela manutenção do valor histórico e patrimonial dos edifícios enquanto característica diferenciadora e relevadora, o que justificaria um preço acima dos valores médios.

Concretamente, o hotel deverá conter entre 15 a 20 quartos, mobilados segundo uma fusão entre o tradicional português e um estilo moderno e simplista. Não se pretende a implementação de uma pousada, mas sim de um estabelecimento dotado de serviços superiores, *premium*, como por exemplo um restaurante de requinte baseado no aproveitamento dos produtos regionais, bem como um lounge bar, onde se privilegia a interação entre os hóspedes.

Adicionalmente, e tendo em vista exponenciar a estadia, roteiros e programas específicos de descoberta do meio envolvente seriam desenvolvidos, integrando, obrigatoriamente ou não, esta experiência turística em solo albicastrense.

2.3. Vantagens Inerentes

Podemos, então, averiguar os efeitos positivos que a concretização desta proposta traria:

- O fluxo turístico aumentaria, assistindo-se a uma clara diversificação do perfil do turista – além do comum português e espanhol das regiões fronteiriças, passaria a estar presente um estrato médio-alto da sociedade portuguesa, ou mesmo estrangeiros, capazes de suportar custos de três dígitos por noite;
- Deste modo, a receita turística aumentaria, igualmente, o que acabaria por ter um efeito de cadeia, estendendo-se os incrementos monetários aos diversos setores de atividade – desde a restauração ao comércio tradicional;
- Por outro lado, a requalificação dos espaços, que adquiririam novas funções, permitiria o prevaecimento da centralidade da zona nobre da cidade, evitando-se, assim, a desertificação funcional e desocupação dos edifícios icónicos do município.

3. A Dinâmica Industrial no Século XX

Analisando agora o panorama industrial albacastrense, verifica-se que significativas alterações tiveram lugar desde finais do século XIX até à atualidade.

3.1. Necessidade de Preservação da Identidade Local

Atualmente, Castelo Branco surge como um dos principais polos da indústria do frio em Portugal. Com efeito, apesar da aparente desertificação regional, a cidade goza de características geográficas e espaciais privilegiadas: em território luso-espanhol, destaca-se como o centro de um triângulo compreendido entre Lisboa, Porto e Madrid. E foi, efetivamente, esta a razão, uma localização relativa única, associada aos meios e infraestruturas já existentes, que levou, em 1978, à génese do setor fabril do frio – com a fundação do Grupo Centauro –, sendo que a partir desta data adquiriu uma dimensão económica e socialmente relevante (Alexandre, 2014).

Além do Grupo Centauro, surgiram em Castelo Branco a Frinox, bem como várias pequenas empresas com produções complementares à indústria da refrigeração, e ainda, o Laboratório de Ensaios de Termodinâmica (um departamento do Instituto de Soldadura e Qualidade – ISQ), que constitui uma referência a nível internacional. Pode, assim, observar-se a presença da atividade metalomecânica, associada à refrigeração, na estrutura zonal do setor secundário de atividade – que outrora servira maioritariamente a agricultura.

De facto, recuando ao início do século XX, a agricultura apresentava-se como a principal componente da estrutura económica albacastrense e, como tal, surgiram oportunidades de negócio para vários empresários (Mendanha, 1961). O progresso justificou o aparecimento de serviços e indústrias complementares ao funcionamento setorial, de tal modo que se começou a desenvolver a atividade comercial, bem como inúmeras indústrias.

Nesta altura, a atividade industrial era pouco desenvolvida e diversificada, assentando quase exclusivamente na transformação das principais matérias-primas extraídas regionalmente. Presenciavam-se, assim, inúmeras unidades fabris dedicadas ao aproveitamento da cortiça e da resina, à moagem de cereais, à serração de madeiras e à extração de azeite (Azevedo, 2012). Estava-se, então, perante a utilização dos recursos

endógenos, provenientes da predominante atividade primária (agricultura, silvicultura), como fonte de riqueza.

Com o natural evoluir da economia e surgimento de necessidades por satisfazer, a indústria metalomecânica instaurou-se na cidade, passando a ter um papel proeminente tanto para a agricultura local como para a fundição nacional, fornecendo, por exemplo, peças para o estrangeiro, como bens de produção.

Pode, então, concluir-se sobre a riqueza industrial de Castelo Branco ao longo do século transato, que é digna de ser recordada e revivida pelas gerações contemporâneas, e futuras, face ao declínio do aproveitamento dos recursos naturais próprios da região, latente no atual tecido industrial.

Neste sentido, a nossa segunda proposta visa a requalificação de uma unidade fabril em ruínas – a antiga Empresa Metalúrgica de Castelo Branco –, num museu dedicado à sua atividade ao longo dos diferentes períodos temporais.

Há, assim, uma clara aposta numa nova forma de turismo – o Turismo Industrial.

3.2. Turismo Industrial

O Turismo Industrial é um conceito recente em território nacional, que pretende desmistificar o processo produtivo, isto é, todo o caminho que as matérias percorrem até se transformarem num bem. É assim entendido como um “produto turístico de elevado valor económico, lúdico e cultural”, que, basicamente, corresponde ao ato da abertura de portas ao público, por parte das empresas, tendo em vista clarificar as estruturas das unidades produtivas, a forma de produção, bem como a tecnologia usada (S. João da Madeira - Turismo Industrial).

Atendendo ao paradigma atual português, destacam-se não só pela sua dimensão, mas também pela importância dos setores visitáveis, S. João da Madeira, Marinha Grande e Sines. Enquanto pioneira deste conceito, S. João da Madeira disponibiliza aos turistas visitas a fábricas sobretudo de confeções e calçado. Por outro lado, este produto na Marinha Grande incide sobre a indústria do vidro, de moldes e plásticos, sendo que em Sines, apenas no ano de 2014 se iniciou uma parceria que possibilita visitas ao interior de uma refinaria (RTP Notícias).

Atentando especificamente aos subsetores fabris visitáveis em cada região, é possível encontrar uma característica comum nesta atividade. O Turismo Industrial assenta na tradição regional, mais propriamente na preservação do saber fazer e das produções passadas de cada região.

3.3. Requalificação da Antiga Metalúrgica

E é precisamente este o objetivo da nossa proposta: aproveitar a outrora existente essência metalomecânica da cidade, de modo a possibilitar ao indivíduo, seja ele residente ou turista, uma melhor compreensão relativamente à evolução do importante paradigma industrial da cidade.

Concretamente, apresentamos, como alternativa à degradação espacial, a reconstrução dos edifícios correspondentes à antiga Empresa Metalúrgica, seja ela por parte de entidades públicas ou privadas. A alternativa do grupo face à decadência desta área reside no aproveitamento da planta original das edificações fabris para demonstrar o processo produtivo referente à fundição de metais, assim como à metalomecânica. Pretende-se o reerguer da hegemonia desta fábrica, não sob a forma de recuperação da produção, mas sim sob a forma de demonstração e exemplificação do esforço e trabalho despendido pelas gerações antecessoras.

Desta forma, a proposição não só visaria a recuperação de uma importante “peça” para o desenvolvimento da cidade, como a conhecemos hoje, mas também permitiria evitar o declínio paisagístico do município. Ou seja, a utilidade deste ícone transcenderia a condição única de contribuir para a experiência turística, para passar, igualmente, a conferir maior dinamismo à urbe, na medida em que espaços devolutos – que constituem perigo para a segurança pública – seriam novamente ocupados.

Por outro lado, esta proposta deverá ser encarada como pioneira para o aparecimento desta dinâmica turística no município. Por outras palavras, a requalificação da Metalúrgica corresponderá à primeira fase da implementação da atividade turístico-industrial, pelo facto de servir de exemplo quer para os empresários locais se aperceberem do potencial que as suas unidades ostentam, quer para um pleno e eficiente aproveitamento das restantes unidades fabris abandonadas do século transato, respetivas ao tratamento dos recursos regionais.

4. Turismo: porquê?

É genericamente aceite a importância do setor imobiliário no pulsar das economias modernas. Pelo facto de este setor movimentar um amplo conjunto de outros bens e serviços, o imobiliário acaba por ser dos que mais pesa para a riqueza interna.

No entanto, presenciamos uma realidade caracterizada pelo declínio deste setor, o que, em certa parte, justifica a crise portuguesa. Assim, perante tal problemática, o turismo tem vindo, gradualmente, a impor-se como uma das principais atividades económicas, ora a nível nacional, ora regionalmente. Assume cada vez mais uma maior importância na criação de riqueza.

E esta foi a razão que nos levou a optar pela via da requalificação de edifícios do tecido urbano para fins turísticos. Como se pôde comprovar, a reconversão da antiga esquadra da PSP e do solar dos Viscondes de Portalegre num hotel de charme, bem como a reconstrução da antiga Empresa Metalúrgica de Castelo Branco num museu dedicado à atividade fundidora e metalomecânica, concorrerem para a diversificação das fontes de riqueza da cidade, ao mesmo tempo que a aumentariam e contribuiriam para dinamizar, ainda mais, o município albacastrense.

Conclui-se, então, sobre a fundamentalidade da aposta neste setor para a cidade, que somente beneficiaria com a execução das propostas enunciadas.

Bibliografia

Alexandre, M. J. (Agosto de 2014). Frio aquece a economia da Beira Interior. *Exame* .

Azevedo, L. (2012). *Apontamentos Sobre A Associação Comercial E Industrial de Castelo Branco 1911. 1940*. Castelo Branco: Associação Comercial, Industrial e Serviços de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão.

Booking.com. (s.d.). Obtido em Novembro de 2014, de <http://www.booking.com/city/pt/castelo-branco.pt-pt.html>

Câmara Municipal de Castelo Branco. (s.d.). Obtido em Janeiro de 2015, de www.cm-castelobranco.pt

Google Maps. (s.d.). Obtido em Novembro de 2014, de <https://www.google.pt/maps/>

Judiaria Castelo Branco. (s.d.). Obtido em Janeiro de 2015, de <https://judiariacastelobranco.wordpress.com/2013/05/08/outras-evidencias-da-presenca-judaica/>

Martins, M. A. (2010). *Castelo Branco 1830 - 1930 - Um Século na Vida da Cidade - Volume II.* Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco.

Mendanha, J. C. (8 de junho de 1961). Alguns Aspectos Económicos da Beira Baixa. *Estudos de Castelo Branco - Revista de História e Cultura* .

Património Cultural - Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.). Obtido em Dezembro de 2014, de <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73971>

Rodrigues, A., Barata, I., & Moreira, J. (2008). *GEOGRAFIA A - 11º Ano.* Lisboa: Texto Editores.

RTP Notícias. (s.d.). Obtido em Janeiro de 2015, de <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=765054&tm=6&layout=121&visual=49>

S. João da Madeira - Turismo Industrial. (s.d.). Obtido em Janeiro de 2015, de <http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/>

Turismo Industrial - Marinha Grande. (s.d.). Obtido em Janeiro de 2015, de <http://www.turismoindustrial.cm-mgrande.pt/HOME.html>

Wikipedia. (s.d.). Obtido em Dezembro de 2014, de <http://fr.wikipedia.org/wiki/H%C3%B4tel>

Anexo Fotográfico



Ilustração 3 Castelo Branco em território continental



Ilustração 4 Portado Manuelino

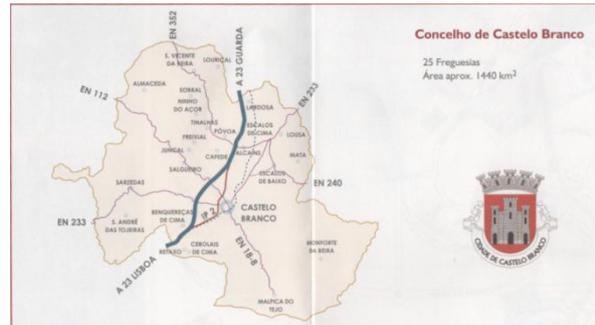


Ilustração 1 Concelho de Castelo Branco



Ilustração 2 Castelo, erigido no séc. XIII pela Ordem dos Templários



Ilustração 5 Solar dos Cavaleiros (atual Museu do Cargaleiro)



Ilustração 6 Solar dos Mota ou Solar dos Cunha (atual Arquivo Municipal)



Ilustração 7 Casa do Arco do Bispo



Ilustração 8 Celeiro da Ordem de Cristo



Ilustração 9 Dommus Municipalis



Ilustração 10 Paço Episcopal (atual Museu Francisco Tavares Proença Júnior)



Ilustração 11 Jardim do Paço Episcopal



Ilustração 13 Igreja de S. Miguel,
Sé Catedral



Ilustração 12 Convento da Graça



Ilustração 14 Ermida da Nossa Sra. de Mércules



Ilustração 15
Centro de Cultura
Contemporânea de
Castelo Branco



Ilustração 17 Residencial Europa



Ilustração 16 Hotel Rainha D. Amélia – *Best Western*



Ilustração 18
Hotel Colina do Castelo – *Tryp*



Ilustração 19 Palácio dos Viscondes de Portalegre (antigo Governo Civil)



Ilustração 20 Antiga Esquadra da PSP, situada no centro da cidade



Ilustração 21 Fábrica – Grupo Centauro



Ilustração 22 Unidade Indústria Corticeira na região de Castelo Branco, 1920



Ilustração 23 Interior da Auto-Mecânica, séc. XX



Ilustração 24 Empresa Metalúrgica de Castelo Branco



Ilustração 25
Empresa
Metalúrgica,
um exemplo
de Declínio
Paisagístico



Ilustração 26
Degradação
do interior da
antiga fábrica



Ilustração 27 Logotipo
Empresa Metalúrgica